

SEXO, AMOR E MODERNIDADE

Flávia Maria Silva Rieth**

RESUMO: Trata-se de uma investigação etnográfica com jovens mulheres e homens, na faixa dos 15 aos 19 anos, oriundos de camadas médias, em Pelotas, interior do Rio Grande do Sul, sobre a sexualidade e o amor. A análise versa sobre duas formas de associação entre jovens: o ficar e o namorar, no que conformam um estilo jovem de sentir, pensar e agir. Em pauta, a discussão da noção de individuação da pessoa moderna no Brasil. Expõem-se os valores morais de gênero e a negociação das relações amorosas e sexuais no meio urbano contemporâneo. Neste contexto de camadas médias do interior, tem-se que as jovens investem na sensibilidade, mas continuam se construindo relacionalmente; enquanto os rapazes se colocam como indivíduos, mas muito vulneráveis ao grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude – Sexualidade – Subjetividade.

Neste artigo, apresento as reflexões decorrentes da pesquisa de tese de doutorado – intitulada *Sexo, Amor e Moralidade: a iniciação na juventude de mulheres e homens, Pelotas (RS)***, realizada no período de 1997 a 2000. A iniciação amorosa/sexual dos 42 jovens investigados – 24 mulheres e 18 homens – na faixa dos 15 aos 19 anos, oriundos de camadas médias, em Pelotas, interior do Rio Grande do Sul, é tratada como um processo de individuação da pessoa moderna.

No contexto da modernidade, o amor e a sexualidade estão unidos na crença dos sujeitos de camadas médias, que os coloca como fonte de verdade e felicidade. Conforme FOUCAULT (1993) a modernidade se caracteriza como uma época de incitação da sexualidade. A colocação do sexo em discurso tem por objetivo examiná-lo, geri-lo, apresentá-lo como uma prática de conhecimento de si, de individuação. A correlação entre o *dispositivo da sexualidade* e o da *sensibilidade* é apresentada por DUARTE (1999), observando-se a coincidência histórica entre a passagem da lógica da aliança para a da sexualidade e a estruturação, no Ocidente, da ética romântica. Conforme o autor, três são as figuras da sexualidade que persistem no mundo contemporâneo: a perfectibilidade, a experiência e o fisicalismo. Nestes termos, tem-se que o processo de aperfeiçoamento do sujeito humano se dá por meio da experiência da relação com o outro, desdobrado enquanto fato emocional. São os sentidos que realizam a mediação entre razão e vivência. A corporalidade é assumida como uma dimensão auto-explicativa do sujeito humano, passando da linguagem “dos nervos” para a das emoções sensíveis.

Para uma relativização do sexo e do amor na modernidade, observa-se a articulação destes dispositivos com a ideologia individualista a partir da perspectiva dumontiana. O mundo moderno, conforme a leitura de DUARTE (1986) da obra de DUMONT, se caracteriza pela fragmentação da referência de totalidade, em indivíduos percebidos como autônomos agindo em domínios igualmente divididos. Um mundo que se constrói no “culto do eu”, a partir do qual os diferentes domínios são pensados. Assim, por exemplo, o Estado é percebido como a soma da expressão individual, circunscrevendo-se enquanto fenômeno político. A família se individualiza no formato nuclear e se situa na esfera privada. A sexualidade e o amor são transformados em expressão da individualidade do sujeito, etc.

Faz oposição a este ordenamento a totalidade não segmentada das sociedades holistas fundadas no princípio da hierarquia. A lógica hierárquica é distintiva da linear, as relações se armam entre o todo e um elemento enquanto relação englobante-englobado; reconstituindo esta lógica, tem-se que “o valor da mão direita ou da esquerda está enraizado

* Doutora em Antropologia Social, Professora Adjunta do Departamento de História e Antropologia do Instituto de Ciências Humanas/UFPel e Coordenadora-ra/Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ/ICH/UFPel.

** Agradeço a minha orientadora, Ondina Leal, às professoras Miriam Grossi, Clary Sapiro, Claudia Fonseca, Cornélia Eckert e Daniela Knauth, minha supervisora, pela participação na defesa da tese; à Fundação Carlos Chagas, que financiou a pesquisa *Gênero e Ciclo de Vida*, primeira etapa deste trabalho; e à CAPES, pela bolsa de PICD por intermédio da UFPel / ICH / DHA.

em sua relação com o corpo” (HERTZ, 1980). Pressupõe distinções de níveis, instaurada em uma totalidade: em um nível superior existe unidade, enquanto no nível inferior há distinção.

Conforme DUMONT, a oposição que se estabelece entre a ordenação individualista e a hierárquica, não se expressa por uma lógica igualitária, linear, mas conforme o estatuto da hierarquia. Distingue-se o par holismo / individualismo pela propriedade de valor, em que o primeiro termo é o englobante. O autor pressupõe a hierarquia como um fenômeno universal. Atenta para a localização diferenciada da cultura ocidental, armada sobre o indivíduo-valor – “de um ser moral, autônomo e essencialmente não social” –, desdobrado em múltiplas facetas: sujeito político, moral, histórico, psicológico que tem no sujeito da razão a faceta mais abrangente e fundamental (DUARTE, 1993).

Considerando-se os domínios da sexualidade e do amor enquanto domínios autonomizados na modernidade, tem-se a observar a dimensão subjetiva como constituidora do indivíduo moderno. Esse aspecto não é abordado por Dumont, que privilegia a análise das dimensões econômicas e jurídicas, consagradas nos pressupostos de liberdade e igualdade, insuficientes para tratar o sujeito do amor. Aborda-se a dimensão do “cultivo interior” como produtora das diferenças individuais, a qual qualifica a relação com o outro visto o objetivo de aperfeiçoamento do sujeito da razão.

Neste contexto, apresentam-se os paradoxos do individualismo, proporcionados pela representação romântica do amor na modernidade. Remete-se às idéias de despossessão subjetiva, discutida por SALEM (1992) e a da fusão das individualidades, conforme VIVEIROS DE CASTRO e BENZACUÉN DE ARAÚJO (1977), em que se observa os constrangimentos da noção moderna de indivíduo-valor, de ser autônomo e livre, em relação à faceta interna, subjetiva.

SALEM (1992), parte de SIMMEL, para quem o amor se define como um sentimento primordial comprometido com a função do cultivo interior. O sentimento do amor decorre da originalidade e singularidade do sujeito que confere significado ao objeto amoroso: “o outro é meu amor, com tanta razão quanto é minha representação” (SIMMEL, 1993: 124). Entretanto, os excessos do mundo moderno, levam o sujeito a adotar uma atitude de retração na relação com o outro, constrangendo-se na experiência da solidão.

O paradoxo da fusão das individualidades é discutido por Viveiros de Castro e Benzaquén de Araújo na análise do mito de Romeu e Julieta, o qual representa a experiência amorosa a partir da perda da identidade pessoal dos amantes. A radicalidade do amor do par romântico é vivida não como um desígnio familiar, mas como uma escolha de indivíduos que se tornam indivisos, em uma fusão consagrada pelo destino.

Nestes termos, procedo a aproximação das formas de relacionamento entre jovens, a do *ficar* e a do namorar, a estes paradoxos. A relação entre a perspectiva da fusão e o namoro é clara, em especial, na trajetória feminina que busca *conhecer a alma do outro*. A associação do *ficar* com a solidão não é direta, pelo menos nesta etapa da vida. Contempla-se a particularidade da juventude face à associação entre *amor, sexualidade e aventura*, presente em SIMMEL (1934) e ELIAS (1987). É a intensidade do sentir e o rompimento com o ordinário da vida, no caso a escola, que permite esboçar a subjetividade da juventude. Atenta-se para o aspecto da curiosidade de experimentar a vida, em uma idade do ciclo de vida que se esboça como de formação moral e intelectual (ARIÉS, 1981); é da responsabilidade do jovem de camadas médias a dedicação exclusiva aos estudos. Por meio destes fatores – de ordem e ruptura – dimensiona-se a adesão dos sujeitos investigados com o *ethos* produtivo. Assim, justifica-se o *ficar* como uma forma “descomprometida” de envolvimento afetivo, ou como uma forma *comum e prática de conhecer outras pessoas*, conforme uma informante. Em que o jovem de camadas médias não compromete o projeto de ascensão social por meio dos estudos.

Famílias, Escola, Cidade

A pesquisa se desenvolveu em três dimensões: famílias, escola, cidade. Na primeira parte, foram realizadas 21 entrevistas, todas com alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica / CEFET-RS, antiga *Escola Técnica*.¹ A escola figura como uma instituição

¹ A partir do ano de 1999, a Escola Técnica Federal de Pelotas/ETFPel se transforma em Centro Federal de Educação Tecnológica/CEFET-RS. O CEFET-RS oferece Educação Básica, abrangendo o Ensino Médio, com duração de três anos, e o Ensino Profissionalizante, nos níveis básico, técnico e tecnológico. O Ensino Profissionalizante de nível

moderna responsável pela “fabricação do jovem” (MAUSS,1999). Particularmente, o CEFET é tomado como referência por ser reconhecido, na cidade, pela qualidade da educação que oferece, sustentando a representação de Pelotas como *pólo de ensino da região*². Projeção que orgulha a cidade e não deixa de remeter à nostalgia de um passado de opulência e destaque. Este reconhecimento da *Escola* na região se verifica na competitividade do exame de seleção. A clientela da *Escola*, no turno diurno, significativamente provém de camadas médias.

Na segunda etapa, a investigação é reorientada como um estudo etnográfico. Procedeu-se a observação dos locais de sociabilidade dos jovens na cidade, utilizando-se a fotografia. Esse recurso possibilitou o registro das relações sociais, na condição de síntese instantânea de um estilo de comunicação, de uso dos espaços, de movimento dos corpos. A fotografia, apresentada aos informantes, possibilitou, através da indicação dos conhecidos que estão nas fotos, o ingresso na rede social de mais 21 jovens; ao todo foram 42 jovens investigados.

A descrição etnográfica dos espaços de sociabilidade intensa dos jovens na cidade, figura como uma crônica de Pelotas: a Avenida Bento Gonçalves, localizada no centro da cidade, a Avenida da Praia do Laranjal e o Bar Farol foram lugares indicados pelos informantes, os quais permitem distinguir os espaços tradicionais daqueles da moda. Assim como são distintos cidade e praia, circuitos e ritmos compartilhados pelos informantes que, ao mesmo tempo, circunscrevem indivíduos e redes sociais na cidade.

O passeio na Avenida Bento Gonçalves é o programa do final de semana: “A Avenida é o local que as pessoas se encontram no início da noite, para decidir onde ir depois” (FELIPE, 16 anos). Um outro passeador disse não freqüentá-la, por achar muita exposição; quando vai, é para dar uma volta de carro e olhar o movimento. No verão, o movimento se transfere para a praia do Laranjal, o *footing* é feito na Avenida Augusto de Assumpção, a Avenida da Praia. No ano de 1999, o encontro dos jovens ocorria no Bar Figueira, principalmente aos domingos à tarde, programação que permaneceu durante o ano todo. Porém, em geral, os bares têm vida efêmera: o bar “Patrimônio” fecha na cidade e abre como Farol, na praia. Onde era, no verão passado, o “Canto da Lagoa”, é hoje o “Piratas”, no bairro Barro Duro. Os bares Farol e Piratas concorrem pelo mesmo público de jovens das camadas médias.

A cidade está enraizada, conforme PARK (1979), no modo de vida de seus habitantes, a tradição estrutura regiões morais no interior desta, determinando os espaços de sociabilidade pública, bem como o controle das interações. Nas *Avenidas*, observa-se o encontro de uma multidão de conhecidos, onde se misturam idades e classes sociais, evidenciando as “marcas de personalidade” no convite ao *olhar o movimento*. Com esta proposição, os passeadores põem em prática as estratégias de serem vistos e ver os outros, de exibição e controle da vida dos outros. Percorrem um itinerário circular, que traz “o sentido do círculo, de espaço fechado voltado para si” (AUGÉ, 1994: 56), onde se produzem familiaridades por freqüentar o mesmo lugar ou por conhecer o amigo do amigo. Celebra-se o encontro da multidão na cidade, em sintonia com a função do espaço público de “mesclar pessoas e diversificar atividades” (SENNET, 1988). Os termos cidade e civilidade têm, conforme o autor, significado comum: o de estabelecer relações entre estranhos.

Em contrapartida, o tempo do bar da moda é efêmero por valorizar o presente. A moda acompanha a lógica da sedução ressaltando a dimensão estética (LIPOVETSKY, 1989). Na celebração do novo e da individualidade, o gosto aparece como flutuante; ilusoriamente essa situação propõe a autonomia dos indivíduos face ao objeto, embora seja essa uma forma de distinção social.

técnico é destinado aos alunos egressos da Educação Básica, oferecido nas habilitações de desenho industrial, edificações, eletromecânica, eletrônica, eletrotécnica, mecânica, química e telecomunicações. Para efeito da Pesquisa, utiliza-se o termo *Escola*, ainda bastante usual entre os alunos e CEFET-RS.

² Pelotas conta com 239 estabelecimentos de ensino que comportam uma população de 88.331 alunos: 02 estabelecimentos da rede federal, com 7.055 estudantes; 52 da rede estadual, com 41.354 estudantes; 147 da rede municipal, com 27.963 estudantes e 38 da rede particular, com 11.959 estudantes. O total de alunos matriculados no Ensino Médio e Profissional é de 24.200. Conforme dados da 5 Delegacia de Educação / Secretaria Estadual da Educação, referente ao número de alunos matriculados em março de 2.000.

A partir das trajetórias sociais dos informantes, percebe-se trajetórias de declínio em 22 famílias. Com referência a este quadro, deve-se considerar a decadência da região sul do Rio Grande do Sul, que já foi a mais próspera do estado³, somada à fatores familiares variados que contribuem nesse sentido. A fim de apreender as trajetórias familiares em seu percurso de ascensão, estabilidade e descenso – pois é mediante as propriedades de posição (BOURDIEU, 1987) que se percebem as variações relativas no interior do grupo pesquisado –, elegeu-se a relação entre organização familiar, posição de provedor do(a) chefe de família e migração, fator expressivo no grupo, como critérios de classificação destas trajetórias. Assim, as mudanças sucessivas de cidade em razão das “quebras” do negócio do pai comprometem a trajetória social do grupo. A separação do casal é apontada, de modo geral pelos informantes, como causa do declínio do padrão de vida familiar, acusando-se a perda do patrimônio e restando as pendências judiciais com relação ao pagamento de pensão para os filhos. A proeminência da relação mãe e filhos, dada a separação do casal se observa nesses casos. Também a migração do campo se dá pela avaliação das condições precárias da vida “prá fora”. Outros fatores indicados como causa do declínio social dizem respeito a: falecimento do provedor e desemprego. Verifica-se o contraponto da ascensão social em 11 casos, trajetórias estabelecidas por aquelas famílias envolvidas na produção e comercialização do arroz e/ou cujos pais são profissionais liberais. Além do que, registra-se que, Pelotas tem uma classe média formada significativamente por funcionários públicos oriundos não só da rede de ensino público (municipal, estadual, federal), mas também de órgãos como: EMBRAPA, IBGE, Tribunal de Contas do Estado, etc. com sede na cidade.

O deslocamento diário de estudantes das cidades circunvizinhas para Pelotas, verificado pelo número de ônibus estacionados próximo à *Escola*, é uma das variantes do fenômeno da circulação populacional. Esse fato demonstra o prestígio da *Escola* na região, bem como, o envolvimento familiar no projeto de ascensão social por meio do estudo. Verifica-se que a relação entre ensino superior e técnico é tomada como uma estratégia de reprodução social no grupo investigado. Nesse sentido, o projeto de Beatriz⁴ é exemplar: a jovem pretende ingressar no mercado de trabalho com formação técnica em edificações e desenho industrial – ou seja, com dois cursos profissionalizantes - e formação superior em arquitetura. A saída de Pelotas também se coloca como expectativa para estes jovens. O “êxodo” de uma região onde faltam oportunidades de trabalho se dirige aos Estados de Santa Catarina e Paraná, orientando-se conforme os estágios que a *Escola* oportuniza.

Observa-se, ainda, com relação a uma terceira imagem de Pelotas, a de *cidade de efeminados*, mesmo que silenciada também entre os informantes, que essa representação vem a operar como um reforço da moralidade tradicional. O contraste entre uma “civilização urbana” e a cultura gaúcha, etnografada como área pastoril, impõe a necessidade de afirmação da virilidade masculina diante do tabu da feminilização (LEAL, 1997). A atualização desta representação guarda relação com o passado de opulência e refinamento da Pelotas do século XIX, um dos primeiros núcleos urbanos da província.

As mulheres namoram e os homens ficam

Neste contexto de cidade do interior do Rio Grande do Sul, apresenta-se o paradoxo: enquanto as mulheres investem na sensibilidade, ainda se constroem como pessoa relacionalmente. Já os rapazes, constroem-se individualmente sem enlaçar sexo e amor a um relacionamento, ainda que sejam vulneráveis à avaliação do desempenho da masculinidade pelo grupo de pares. Aqui, observa-se o quanto a representação de cidade de efeminados reforça a moralidade tradicional.

³ Em 25 de julho de 1999, o jornal Folha de São Paulo publicou reportagem intitulada “Miséria nos Pampas”, apresentando dados com relação à estagnação econômica da metade sul do Rio Grande do Sul. Conforme a matéria, a região, que já deteve 52% da população do Estado, no final do século passado, hoje tem 25%. Sua participação na produção industrial do Estado caiu de 49% em 1920 para 10% atualmente, indústrias de doces e conservas, produtos tradicionais, faliram – “Em 1981, 40 empresas empregavam 4.300 trabalhadores permanentes e 17 mil safristas, produzindo 48 milhões de latas de pêssego. Em 1995, restavam 18 empresas, com 730 empregados fixos e 3.100 safristas. A produção caiu para 17 milhões de latas de pêssego (p.10)”. Grandes frigoríficos fecharam em função da queda do preço da carne: em meados dos anos 80, fechou o Anglo, em Pelotas e, em 1998, o Cicade, em Bagé – “Em 97, entre os 10 municípios de maior PIB (Produto Interno Bruto) no Estado, apenas 2 eram da metade sul: Rio Grande (R\$ 1,53 bilhão) e Pelotas (R\$ 1,5 bilhão) respectivamente em sexto e sétimo lugares (p.10)”. Os nomes dos informantes são fictícios.

A valorização do namoro entre as jovens investigadas, expressa expectativas com relação à vivência intensa dos sentimentos no interior de uma relação que se projeta para o futuro. A autenticidade quanto aos seus sentimentos em relação ao outro figura como uma forma de descoberta de si, sendo apontado como um momento em que “comecei a ter meus troços”. O espaço da intimidade é idealizado como a autêntica possibilidade de conhecer o outro, os seus sentimentos. Nesse sentido, remete-se o depoimento de Nádia, 17 anos, sobre o amor na relação de namoro:

O amor para mim é uma palavra muito forte, não é para qualquer pessoa que a gente diz 'eu te amo'. Tem que ter muito certo este sentimento, às vezes, se torna corriqueiro o eu te amo e eu acho que não é bem assim. O amor precisa de muito tempo para ser construído, o amor verdadeiro não é de uma hora para outra que surge (...) enquanto tu está sentindo o amor por uma pessoa, realmente, do jeito que ela é, tu começa a perceber o que ela tem de melhor tem que conhecer os sentimentos.

Para Viviane, 18 anos, o namoro é um compromisso “tu não pode ficar olhando pra outro, dando bola. Ficar não, tu achou bonitinho, tu vai lá e fica. Isso não impede de olhar para os outros, ficar com os outros”.

Nos relatos das jovens, o *ficar* é descrito como um encontro imprevisível que possibilita se relacionar com quem não se conhece. Entretanto, a imprevisibilidade do *ficar* é demarcada pelas expectativas de “encontrar alguém” quando se sai para uma festa, alguém que já se sabe que costuma ir ao lugar, bem como pela moralidade de gênero que impõe a atitude de recato às mulheres, a quem não compete tomar alguma iniciativa para o encontro. Da mesma forma esse desconhecido é familiar, pois se trata de um amigo do namorado da amiga, um vizinho, um primo de um amigo ou um conhecido de vista que também frequenta o Laranjal, a Avenida e o Farol.

As fronteiras entre *ficar* ou namorar são tênues e a confirmação do namoro resulta da negociação entre o casal sobre a forma de relação. São recorrentes as expectativas das jovens investigadas quanto à iniciativa masculina de “pedir em namoro”, do rapaz iniciar a conversa sobre o assunto e definir o relacionamento.

As jovens preocupam-se com a reputação e, por isso, *ficam* várias vezes com a mesma pessoa, o que se configura como a forma ideal de *ficar* para as jovens investigadas, porque permite certo envolvimento afetivo entre os *ficantes*, podendo se transformar em um namoro futuro. Abre-se a possibilidade para o casal de se telefonar e combinar outros encontros, colocando-se como uma forma de conhece melhor o outro.

Na trajetória afetivo-sexual das jovens, transparece o conflito romântico de *conhecer a alma do outro*, de fusão de individualidades, que define a relação de namoro, e *conhecer outras pessoas*, que caracteriza o *ficar*. Elas têm expectativas de encontrar uma “pessoa especial”, embora não se vejam dos 15 aos 80 anos com o mesmo parceiro. Nos casos onde esse conflito se esboça, concebem que conheceram “a pessoa” na hora errada, ainda muito jovens para comprometer o futuro.

Bruna, 17 anos, começa a sair na noite, facilitada pela vinda de seus primos para Pelotas. Relata que estava passando uma fase “ruim”, de isolamento em casa, brigas com o pai e, quando saía, bebia muito. Nessa época não *ficava* com ninguém, sempre bebia, sentava na calçada e chorava. Em uma festa conheceu Luciano. *Ficaram* no carnaval, em uma festa da *Escola*: “quando nós começamos a *ficar*, nós nos víamos quase todos os dias, então, começamos a nos tornar íntimos e amigos. Hoje a gente não ta mais namorando, acho que vai voltar, ele é meu melhor amigo.” Terminaram porque queriam conhecer outras coisas, outras pessoas e se achavam muito novos para assumir um compromisso sério

Já os jovens buscam se afirmar como homens por meio da experiência da sexualidade que se apresenta para eles como uma aprendizagem técnica configurando diferentes estilos de tomar a iniciativa de aproximação. As performances, no espaço público das Avenidas, por exemplo, exibem o quanto essa atitude é sempre masculina. São eles que se aproximam para conversar, exercitando um estilo de abordagem. No universo masculino, as relações de amizade e namoro concorrem, diferente do *ficar* que impõe que as conquistas sejam publicizadas para os outros homens.

Os rapazes se empenham em dar continuidade à relação *ficando* várias vezes com a mesma jovem, de modo a desarmar a atitude de recato. Esta é uma das estratégias citada por Augusto, que telefona no dia seguinte com a expectativa de implementar as suas “segundas e quartas intenções”. Já Cristóvam, 15 anos, usa a estratégia de tirar para dançar, diz ser uma abordagem imediata para a aproximação dos corpos, não é de ficar falando no ouvido, cabendo à jovem dar o limite às iniciativas masculinas. Também afirma ser mais fácil ter relações sexuais com a namorada do que em uma *ficada*, quando a resistência feminina é maior. Daí o empenho de dar continuidade à relação, *ficando* outras vezes com a mesma jovem.

Danilo, 17, diz que gosta de “guardar as coisas”, justificando sua prática de anotar em uma lista os nomes das jovens com que ficou, a data e o local dos encontros. Guarda também todas as cartas que recebeu das namoradas. Nesta lista estão relacionadas 118 ficadas e dois namoros, organizados por ano: assim, em 1989, aos nove anos de idade ficou com duas jovens, voltou a *ficar* aos onze, ano de 1992, quando teve quatro relacionamentos; aos doze ficou três vezes; em 1994 e 1995, com quatorze e quinze anos foram doze ficadas em cada ano; aos dezesseis aumentou o número das relações: tem anotado 62 relacionamentos. Essa época, conta, foi o período do bar Catedral: “a gente chegava lá, a bebida era liberada.” Segundo ele, isso foi logo que começou a sair, ir a festas, “quando estava conhecendo as coisas.” Nesse momento só ficava e, caso a relação prosseguisse por mais um ou dois encontros, bastava para se sentir preso e “saía fora”. Danilo gostou de duas jovens, Débora e Letícia. Com a primeira namorou quase um ano e estava por completar onze meses com a segunda quando ela terminou.

De modo geral, eles concebem o namoro como um compromisso “sério”, embora dois informantes: Vicente e Augusto, que se encontravam namorando no momento da pesquisa, não se coloquem alheios ao interesse por outras mulheres. As regras de fidelidade do namoro são relativizadas mesmo enquanto expectativas. Eles continuam saindo com os amigos, como no caso de Augusto, importando que a namorada não saiba do fato.

Augusto namorou pela primeira vez aos 17 anos uma jovem que conheceu em um festival de música nativa. Namoraram por quatro meses, mas não sabe porque terminaram e, quando se encontram, só trocam cumprimentos. Durante essa relação, de vez em quando saía com os amigos para ir a festas, “mais por influência dos amigos; a minha namorada não sabia que eu saía.” Atualmente está namorando Carla, já há três meses, até então só estavam *ficando*. Carla e Augusto são colegas de *Escola*, mas antes disso já se conheciam, haviam estudado juntos. Nas férias, *ficaram* durante uma semana, ele foi viajar e só voltaram a se falar na *Escola*. Desde que começou a namorar Carla, continua, de vez em quando, “saindo com os amigos”.

Já Leandro, 19 anos, acha bom namorar, mas às vezes prende demais. Aos 14, passava o tempo só *ficando*. Em uma outra oportunidade, no carnaval: “arranjamos umas gurias.” Namorou uma jovem por nove meses, iniciaram este relacionamento *ficando* várias vezes juntos; ela tinha 15 e ele 17. No início conta que ela não deixava tocar, era bem calmo até que ela foi se “soltando”, “até que rolou.”

Observa-se que a forma de contar os relacionamentos difere entre homens e mulheres: as jovens enfatizam as relações de namoro, relatando cada situação com riqueza de detalhes. Enquanto os rapazes, contam “todos” os encontros, independente do caráter da relação. O relato é genérico: Ricardo, 18 anos, menciona que, no início, foi uma sequência; Eduardo, 16, diz ter ficado com 33 jovens no período dos 11 aos 16; e Álvaro, 15 anos, ressalva, antes do término da entrevista, que teve outras experiências de *ficar* que não contou, diz ter sido muito inconstante. Revelam-se as ambigüidades entre o *ficar* e o namorar, que remetem à articulação entre “novas” formas de relacionamento entre jovens e uma moralidade tradicional.

A iniciação sexual na juventude: uma experiência geracional

Os dados sobre iniciação sexual estão a indicar uma diminuição da idade de início da *vida sexual adulta*, especialmente na trajetória feminina. A pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, sobre “Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS”, mostra que entre jovens que, em 1998, tinham entre 16 e 19 anos, 61% já haviam tido relações sexuais, constatando que os rapazes se iniciam mais cedo do que as moças, e que a maior escolaridade e o viver com ambos os pais influencia para que os jovens se iniciem sexualmente

mais tarde. Em 1984, 35,2% dos rapazes entre 16 e 19 anos já haviam se iniciado sexualmente, percentual que cresce para 46,7% em 1998. De forma mais significativa, ocorre o crescimento deste percentual entre as mulheres, de 13,6% para 32,3%. LONGO e RIOS-NETO, a partir dos dados de DHS⁵ de 1986 e da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde – PNDS de 1996, confirmam o declínio da idade das mulheres na primeira relação sexual: para uma faixa de idade entre 20 e 24 anos, o percentual de mulheres que não tiveram uma relação sexual completa aos 17 anos declina de 79,8% em 1971 para 61,9% em 1996. Os autores observam uma relação entre a educação e a taxa de virgindade aos 17 anos: essa taxa é maior entre as mulheres analfabetas e as com mais de 8 anos de estudo; mulheres que possuem de 1 a 8 anos de estudo apresentam uma menor taxa de virgindade aos 17 anos. Em estudo epidemiológico, realizado na cidade de Pelotas, BÉRIA, MORRIS e CARRET (1996) verificam que 50% dos adolescentes homens com 15 anos já tinham tido relações sexuais, percentual atingido pelas mulheres aos 17 anos.

Estes dados evidenciam a construção de um *estilo geracional*, resultante dos efeitos do ideário individualista em camadas médias, em que o jovem busca se evadir do controle social, da pauta familiar (SALEM, 1980), tentando afirmar a delimitação de uma identidade mais própria e pessoal. Observa-se, entretanto, a coexistência de uma moralidade tradicional que se pronuncia no contexto de cidade do interior.⁶

Entre as vinte e quatro jovens investigadas, dez declararam já terem se iniciado sexualmente. As jovens negam que transam com quem ficam, elegendo o namorado como parceria ideal e recrudescem as resistências em relacionamentos posteriores. Dessas dez, nove transaram com o namorado, pressupondo conhecer o outro. Para a maioria das jovens, a iniciação sexual é colocada como uma “conseqüência do namoro”, quando este se torna um compromisso sério. A preocupação com a reputação é vigente entre as jovens. Porém, o valor da virgindade declina, na medida em que a *entrega* se justifica pelo sentimento amoroso.

Para Nádia, o sexo sem sentimento se torna “frio”. Acha que com amor é melhor, diz ser esta a experiência que tem. Fazer sexo com outra pessoa “é algo da maior intimidade” e pressupõe conhecer “com detalhe” o namorado. Por isso diz que o ficar não envolve transar, enquanto, na relação de namoro, isso “depende”. Ela se iniciou sexualmente com Vicente, seu atual namorado. Tinham 16 e 18 anos respectivamente. Considera que a iniciativa foi dele, mas contou com o seu consentimento.

A primeira relação sexual é relatada pelas jovens como uma oportunidade que se apresenta de repente, não existindo qualquer planejamento, embora não seja inesperada. É quando a situação de o casal estar sozinho no quarto, dá o tom de aventura ao fato, principalmente se houver gente em casa. Entretanto, os depoimentos revelam o processo de decisão de se relacionar sexualmente com o namorado como o compasso de uma coreografia: o casal começa a conversar sobre o assunto, a troca de carícias se intensifica, algumas iniciativas masculinas param na resistência feminina, até que um dia, “de repente”, acontece de a jovem resolver não mais resistir.

Oito dos rapazes declararam ter se iniciado em uma ficada, fora do contexto de uma relação. Os outros quatro transaram pela primeira vez com a namorada. Os rapazes transam com quem ficam, embora essa decisão “depende da guria”. Consideram inevitável ter relações sexuais com a namorada, resultado da maior intimidade entre o par. Segundo eles, o homem está sempre a fim, pois é próprio da natureza masculina

Observa-se, no discurso dos rapazes, a afirmação da intenção de ter relações sexuais, apresentando-se, não com algo que acontece de repente como para as jovens, mas como o resultado da iniciativa masculina. Nestes termos, é declarado certo planejamento da noite, sendo comum portarem camisinha na carteira. Nessa aventura, os amigos são as companhias da festa e para eles se impõem declarar as conquistas, mesmo que exista certo descompasso com relação ao desempenho da masculinidade: vide o caso de Danilo, que tem listado 120 relacionamentos – 118 ficadas e 2 namoros – e se declarou virgem. Em contrapartida, os jovens ainda não iniciados sexualmente (seis casos), aproximam-se das concepções de amor e sexo femininas. Têm expectativas de transar pela primeira vez com uma pessoa especial, elegendo a namorada.

⁵ DHS – Demographic Health Studie

⁶ VELHO (1981) apresenta uma comparação entre camadas médias metropolitanas com camadas médias de cidades do interior.

Para elas, a iniciação precoce – aos 13 anos, – é questionada, por requerer um amadurecimento. No universo masculino, torna-se um problema quando ocorre tardiamente, uma vez que o grupo de pares passa a desafiar a falta de iniciativa masculina.

Das jovens entrevistadas, quatorze se declararam virgens. O momento, a hora da iniciação aparece nos depoimentos ligados a uma avaliação da idade, por serem ainda “muito novas” para terem relações sexuais. Os riscos da gravidez na adolescência se somam a essa interpretação. Apresentada como um fato freqüente, a gravidez nessa fase da vida é uma experiência que traz amadurecimento quando ainda “muito novas” e atrapalha as oportunidades de liberdade que a idade oferece. A virgindade para as jovens se apresenta como um valor auto-expressivo. Como também não deixa de incluir avaliações da relação presente de namoro, bem como, uma projeção futura desta “perda” no mercado matrimonial.

Essa discussão ganha maior relevância em tempo de epidemia da AIDS, quando se observa a vulnerabilidade desse grupo etário, principalmente das jovens, em razão da iniciação sexual impor a adoção do uso do preservativo, o que contradiz com o “dispositivo da sensibilidade”. Em relação ao namoro, o não uso do preservativo masculino se coloca como uma prova de fidelidade. O uso da camisinha é freqüente entre os homens quando se trata de uma parceria eventual, em uma *ficada*, estando associada à classificação de ordem moral da jovem, considerada como “perigosa”. Somam-se outros fatores mencionados com relação ao não uso do preservativo: uma alegada insegurança do método no que diz respeito à prevenção da gravidez, o que promove a utilização da pílula. Nesse sentido, tem-se que o uso da camisinha está associado mais diretamente à gravidez do que à prevenção de DST/AIDS entre jovens.⁷ Quatro jovens entrevistadas que se encontram namorando relataram resistências em adotar a pílula, pelo fato de levar a mulher a engordar. Para evitar a gravidez, o casal pratica o coito interrompido.

Por fim, aborda-se que as experiências do amor e da sexualidade na juventude de homens e mulheres são dimensionadas pelos aspectos ordinários da vida. Apresentam-se os nexos entre sexualidade e sociedade, em uma fase onde a responsabilidade do sujeito é exclusiva à formação intelectual, em um contexto de camadas médias. Observa-se, nesse sentido, que o amor não está alheio ao cálculo do projeto de ascensão social via estudo. O amor (e a sexualidade) se apresentam como experiências de descobertas de si, por meio da alteridade, constringendo-se pelos paradoxos da fusão das individualidades, especialmente nas trajetórias femininas, e o da solidão ainda que relativizado pela idéia da aventura, na juventude de mulheres e homens.

Bibliografia

- ARIES, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- AUGE, M. O Lugar Antropológico. In: *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BÉRIA, J. U.; MORRIS, S.; CARRET, M. L. et al. 1996. Epidemiologia das relações sexuais e do uso de preservativo em adolescentes escolares em centro urbano no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, n.1, v.1.
- BERQUÓ, E.(Coord.). *Relatório da Pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV / AIDS*. Ministério da Saúde – PN DST / AIDS/ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP. São Paulo, set. 2000.
- BOURDIEU, P. Condição de Classe e Posição de Classe. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BOZON, M. Amor, sexualidade e relações sociais na França contemporânea. *Estudos Feministas*. IFCS/ UFRJ – PPCIS / UERJ, v.3, n.1., 1995.
- DUARTE, L.F.D. *Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

⁷ Reportando-se aos dados sobre gravidez na adolescência, no sentido de relativizar esta questão, tem-se em LONGO e RIOS-NETO, citando o estudo de Mello, que tais dados entre mulheres de 15 a 19 anos não demonstram mudanças no período de 1970 a 1991, considerando o contexto nacional. Entretanto, a participação relativa da fecundidade na adolescência na fecundidade total aumentou, no período, de 7,1% para 14,1%. Este indicador duplicou na razão do declínio da fecundidade dos demais grupos etários, no período de 1970 a 1991.

- DUARTE, L.F.D. O Culto do Eu no Templo da Razão. In: *Três Ensaio sobre Pessoa e Modernidade* – Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, ago. 1993. n.41
- DUARTE, L. F. D. O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, M. L. (org.) *Sexualidade: o Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ELIAS, N. Curialização e Romantismo Aristocrático. In: *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal. 7a ed., 1993.
- HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*. n.6, 1980, pp.99-128.
- LEAL, O. F. Do etnografado ao etnografável: “o sul” como área cultural. In: *Horizontes Antropológicos – Histórias da Antropologia*. Porto Alegre: PPGAS/ UFRGS, 1997. Ano 3, n.7.
- LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: a moda e seu Destino nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- LONGO, L. A F. DE B. e RIOS-NETO, E. L.G. Virgindade Matrimonial e Iniciação Sexual: uma análise temporal. Trabalho Apresentado no *XI Encontro nacional de Estudos Populacionais da ABEP*. S/d
- MAUSS, M. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1999. 2º ed.
- PARK, R.E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O G. *O Fenômeno Urbano*. Rio: Zahar Editores, 1979.
- PRADO, R. M. Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoaalidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem: Cidade em Imagens*. Rio de Janeiro: UERJ / NAI, 1997. n. 4
- RIETH, F. Ficar e Namorar. In: BRUSCHINI, C. e HOLLANDA, H. B. de (org.). *Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: FCC – SAP. ed. 34, 1988
- SALEM, T. *O Velho e o Novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SALEM, T. A Desposseção Subjetiva: dos paradoxos do individualismo. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: ANPOCS – Relume Dumará, fev/1992, n.18, ano7.
- SENNETT, R. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SIMMEL, G. *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SIMMEL, G. Concepto y Tragedia de la Cultura. In: *Cultura Femenina y otros ensayos*. Madrid: Revista de Occidente, 1934
- VELHO, G. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. e BENZAQUEN DE ARAÚJO, R. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, G. (org.). *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ABSTRACT: The following research is an ethnographic study on love and sexuality within a group of 15-19-year old girls and boys from Pelotas, a city in the countryside of Rio Grande do Sul. These people belong to a middle-class social level.

The analysis is about two forms of association among young people: the “one night stand” relationships-in which there is no commitment – and dating, which are young styles of feeling, thinking and acting. The discussion about the individualization of modern people in Brazil will be held. The moral values about gender and the negotiation of love and sex relationships in the present urban world are going to be exposed.

In this context of countryside-medium class-people, it is known that girls believe much more in sensitivity, but they continue establishing relationships, while boys establish themselves as individuals, but they are more vulnerable in relation to their partners.

KEY-WORDS: Youth – Sexuality – Subjectively